



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

23 de Setembro de 2000 • Ano LVII - N.º 1475
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Reflectindo

JESUS andava por lá, nos caminhos de Tiro para a Galileia — lemo-lo neste Domingo 23.º do Tempo Comum, em Marcos, o mais repórter de todos os Evangelistas — quando Lhe trouxeram um surdo-tartamudo e pediram que o curasse. Jesus afastou-se com ele para longe da multidão e curou-o. O homem voltou «a falar correctamente» — todos o testemunharam. Mas Jesus recomendou à multidão que «não dissessem nada a ninguém» — no que não foi obedecido. O alarido rompeu: «Tudo tem feito admiravelmente; faz que os surdos ouçam e que os mudos falem!»

É notório que, quase sempre, as manifestações divinas que são o milagre, Jesus as realiza com discreção e pede discreção, quer às multidões, quer aos Seus Apóstolos. Haja em vista, por exemplo, a Transfiguração no Monte Tabor. Significa que Ele não põe a tónica das Suas credenciais divinas no milagre. Ele não veio para fazer milagres. Até anunciou aos Seus discípulos que eles haviam de fazê-los mais do que Ele próprio! Ele veio essencialmente para pregar o Evangelho do Reino. Curar todas as enfermidades é um corolário que acidentalmente brota da Sua bondade e poder infinitos; e que Ele relaciona (creio que sempre, explícita ou implicitamente) com a Fé dos miraculados. «Porque acredita, seja como pedes». E quase sempre acrescenta: «a tua Fé te salvou». A cura da enfermidade é Sacramento de Salvação. A Salvação é o horizonte de Jesus, que não veio em missão de curandeiro, mas para anunciar aos homens o Reino de Seu Pai e

ensinar-lhes os caminhos que Lhe dão acesso.

Claro que para os homens, dada a sua superficialidade natural, a sua tendência para o espectacular, é mais fácil o deslumbramento e o louvor a partir do milagre, do que alimentar a Fé e a piedade a partir da sublimidade e coerência da Doutrina que Jesus pregou e autenticou com a Sua vida. Penso que nesta debilidade humana se fundam as estratégias de tanta seita que por aí pulula. E temo (e pressinto, às vezes, tais sintomas em alguma literatura de origem eclesial que o correio nos traz) que a mentalidade que as técnicas do marketing, tanto em voga, arvoraram em ciência, se infiltre no Povo de Deus e o contage de mais esta modernidade exploradora da facilidade com que se entra pelos sentidos em prejuízo da reflexão indispensável que o Evangelho exige e da consequente coragem para O seguir.

Continua na página 4



Paço de Sousa — No largo da Capela, os mais pequenos, os «Batatinhas», discutem a posse da bola.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Inquietação

VEIO com carta da Conferência de S. Vicente de Paulo local: «(...) Como não temos possibilidades de atender tão grandes

necessidades, vimos, por este meio, pedir ajuda... Trata-se de um caso urgente. É uma família muito carente em termos monetários e de saúde».

Lida a carta, escutamos de viva voz esta mãe de família. Além do casal, são quatro filhos, os dois mais velhos em idade activa e os mais novos em idade escolar. Estes, com problemas sérios de saúde, necessitando um deles de grandes gastos na farmácia, despesas que têm sido liquidadas com a ajuda da Conferência Vicentina. Enquanto nos descrevia a situação, a um pensa-

mento mais doloroso, as lágrimas soltavam-se e a voz embargava... e prosseguia.

Fomos conhecer a família, sua casa alugada precariamente e o terreno, causa principal da sua vinda até nós.

Há algum tempo atrás, quando o marido ainda trabalhava, resolveram adquirir um terreno para aí construírem sua casa. Contraíram empréstimo a

Continua na página 4

MALANJE

A história de Jonas



A lagoa, de Malanje, é um dos lugares mais amenos da Casa do Gaiato.

ENCANTAM as capelinhas feitas nos bairros dos Deslocados que circundam a nossa Aldeia, da Casa do Gaiato. Todas diferentes, com os estilos próprios das zonas de origem. Seus materiais: barro, arrancado do chão; paus, cortados na mata; capim que abunda até às nossas portas. A Natureza é pródiga. Deus dá.

Uma delas está na Aldeia da Paz. Quiseram que eu fosse dar o sim — não só benzer — confirmar. «Sem eu ir que não podiam rezar dentro». Fui. Cânticos lindíssimos em Kioco.

Quando acabámos, acompanharam-me até ao carro com um cântico belo.

Impressionado, pedi ao catequista que mo traduzisse.

É a história de Jonas, refilão... Mas que, por fim, vai mesmo pregar o saco e a cinza...

Fui pensando — no meio do barulho dos pequenos que me acompanharam — no Jonas, no saco e na cinza.

Refilões nós também:

Padres e Irmãs que damos milhentas voltas ao dia e não nos sentamos no chão de terra, entre as crianças e adultos, para lhes ensinar o Pai-nosso; mais preocupados com a papa das crianças, com as nossas compras e conquista duma certa comodidade em nossas Casas. As nossas atitudes pingam ainda o bafio europeu.

Não entrámos, plenamente, neste mundo dos que não têm voz e carregam uma cruz bem pesada.

Preguiçosos em pregar as injustiças nascidas da guerra, da corrupção e, sobretudo, o esquecimento de Deus.

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — Há dias, passaram-nos recado acerca de um indivíduo que sofrera uma acidente vascular cerebral, vulgo AVC, ficando incapacitado para o trabalho, apesar dos tratamentos a que fora, e continuará a ser, submetido.

O custo dos remédios para ele e para a mulher, também doente, é um doloroso encargo: — *A gente não aguenta a despesa na botica!*, segredara com voz trémula, de coração amargurado, ao recoveiro dos Pobres.

Curiosamente, a empresária da farmácia há muito tempo que deduz uma percentagem à factura que pagamos em benefício de quem precisa. Gesto simpático porque não lhe pedimos ajuda.

Efectivamente, temos em nossas mãos um rol de casos, de doentes que sobrevivem pelo receituário médico e pelas ofertas dos nossos Leitores.

ANALFABETISMO — Há cento e treze milhões de crianças excluídas da Escola, a maioria das quais nos países menos desenvolvidos.

O número de adultos analfabetos ascende a oitocentos e oitenta milhões. As mulheres são as mais atingidas.

Em Portugal, em cada cem portugueses, dez não sabem ler nem escrever.

Estes dados foram discutidos no Fórum Mundial Sobre a Educação, dez anos depois de cento e cinquenta e cinco países se terem comprometido a reduzir a iliteracia e a lutar pelo acesso universal à Educação Básica.

PARTILHA — Leiria: Presenças das assinantes 47307 e 49610 com «*mais uma 'migalhinha' de minha mãe que também se associa, apesar dos seus 88 anos. Apesar da idade ainda lê O GAIATO e, sempre, as Notícias da Conferência...*»

Lisboa: Um cheque, repartido, da assinante 14700, «*dá-diva do que posso dispor. Também peço a Deus que me alivie nas minhas penas e me ilumine em decisões que tenha de tomar no período difícil que momentaneamente vivo. O*

Senhor, porém, nunca me abandona...!»

Torreira (Murtosa): «*O que ofereço — afirma a assinante 42990 — nada é em relação à Graça que recebi. É com muito amor, gratidão e carinho que envio a migalhinha para a Conferência de Paço de Sousa. As necessidades são muitas. Não chega a nada. Mas pode ajudar a um medicamento, a uma telha, a um saco de cimento...*» Muito bem!

Porto: Cinco mil, da assinante 11856, para os nossos Pobres.

As três presenças seguintes, referem a Ordenação do Padre Manuel Mendes e a todas agradecemos as vossas felicitações:

Dez mil, da assinante 43689, do Porto, «*para o que esteja a fazer mais falta*». Assinante 37579, também do Porto, com «*o cheque do costume*». Assinante 21491, de Oeiras, vinte e cinco mil, lembrando, ainda, o nosso Padre Horácio e o Senhor D. Pompeu que foi Bispo de Malanje — e que Deus haja.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— «A Imprensa, escrita e falada, diz que há muita gente faminta, por esse mundo além e que os alimentos são poucos.

Mas se nos dedicarmos um pouco a ler a Bíblia, verificamos que, embora os tempos sejam outros, o problema continua a manter-se. Já com Moisés e Aarão, o Povo se revoltou contra eles, por causa da fome que passavam, porque estavam habituados a comer até estragar. E o problema é o mesmo. Países com riquezas sem conta. Os seus chefes esbanjam fortunas. O Povo, esse morre de fome.

Agora, os chefes, não se preocupam com o seu Povo, pois, enquanto Moisés pedia constantemente o auxílio de Deus, esses senhores gastam rios de dinheiro a fazer guerras que só a eles diz respeito.

Então, e o Povo, não conta? Não será que toda a riqueza foi criada por Deus, para o Seu Povo? E esse Povo não somos todos nós? No tempo em que Jesus andou entre nós, o Povo queria aclamá-lo Rei, porque Ele lhes matava a fome. Não seria também assim, se esses senhores, donos de tanta riqueza, fizessem o mesmo? Para quê guerras por causa de mais um punhado de diamantes? Para quê guerras por mais um poço de petróleo? Para quê guerras por mais um punhado de terra?... Será que esses senhores, quando chegar a sua vez de prestar contas, também levam os tais diamantes, o tal petróleo, com eles? De certeza que não.

Sabemos que os alimentos são poucos, mas à semelhança do que Jesus fez para alimentar todo aquele Povo, também o fará connosco. Mas é necessário que os homens deste tempo façam como os discípulos que só tinham cinco pães e dois

RETALHOS DE VIDA

«Nando»



Sou o Fernando Domingos Matos Pereira, o «Nando».

Nasci a 12 de Dezembro de 1989, em Matosinhos. Sou de raça cigana.

Vivia com a minha avó porque os meus pais não estavam juntos. Por isso, vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, há cinco anos.

Frequentei o terceiro ano do Ensino Básico e poderia já estar no quarto, mas não passei o ano passado.

Quando andava por lá, fazia muitas asneiras...! E, às vezes, também não tinha nada para comer!

Os meus pais consumiam droga. Ele já morreu e, agora, a minha mãe não se droga.

Quando for maior, gostaria de ser guarda-redes do Barcelona.

Fernando Pereira («Nando»)

peixes. Isto é, que saibamos partilhar com o irmão mais Pobre, o que nos sobra.

O mesmo exemplo de partilha é-nos dado por aquele homem de Baal Salisse, que entrega a Eliseu os seus vinte pães para dar de comer àquela gente. Que bom seria se todos nós, tivéssemos o dom da partilha!...

Nós somos cristãos, por isso nos dói ver as imagens que passam à frente dos nossos olhos! Porque o Cristianismo é também sofrer. 'Sofrer uns pelos outros' 'pagarem uns pelos outros'. Mas já alguém escreveu que o paraíso terrestre é o sofrimento e não há outro. A dor é uma graça que não merecemos. Para isso, somos cristãos. E como tal sofreremos uns pelos outros.

Pois que, estes testemunhos de partilha, que estas semanas nos foram dados, através das Leituras, em que na última via-

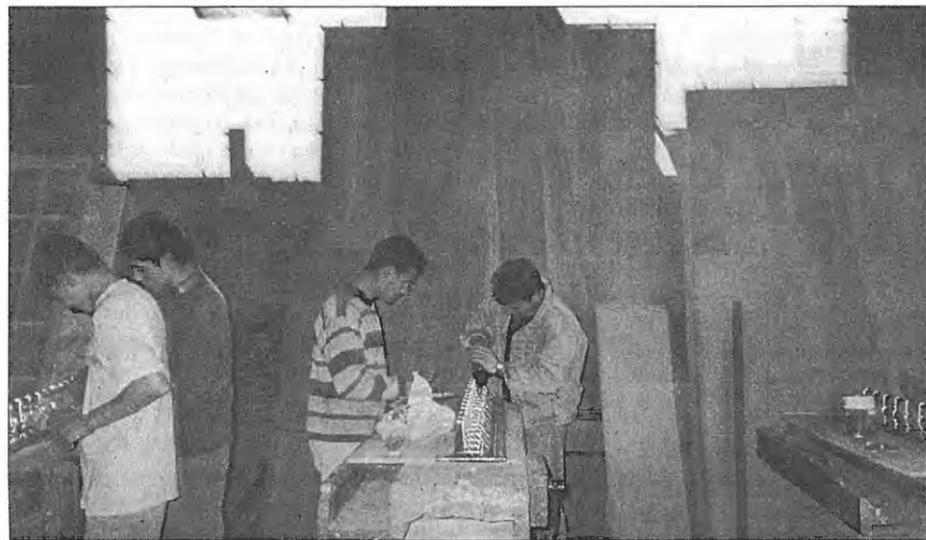
mos a partilha do próprio Cristo, toque nos nossos corações e em particular àqueles que neste mundo tudo têm. O Senhor lhes dê também o dom da partilha. Que deixem de gastar as riquezas que o Senhor Deus lhes dá, nas guerras que não alimentam ninguém. E tratem quanto antes, de comprar alimentos para o Povo de Deus».

Por nós, temos muita fé e confiamos no nosso Bom Deus, por isso não desanimamos e continuamos a lutar para que a cada boca, seu pão.

Pai Américo, desabafava no seu livro *O Barredo*: «Tantos homens condecorados por feitos e palavras. Este gigante pequenino (que é o Povo) sem pão!»

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Olga e Valdemar



Carpintaria de Miranda do Corvo

SETÚBAL

FÉRIAS — A nove de Julho começaram as nossas férias na casa da Arrábida.

Situada num local paradisíaco, a nossa casa é servida por duas magníficas praias: a do Portinho e a dos Pilotos. Quando a maré está cheia, a dos Pilotos fica submersa pelas águas; mas em maré baixa é uma delícia! Invadida pelos gaiatos torna-se privada. É só deles! A do Portinho é larga, extensa e serve em todas as marés.

A malta joga à bola, nada, pesca e brinca com todos os motivos.

Temos dois barcos a remos que andam sempre cheios de rapazes a passear e a divertir-se com o mar.

Em frente à praia do Portinho, a 300 ou 400 metros de distância da praia branca, há uma pequenina ilha, a Anicha — meta diária para muitos chegarem a nado ou de barco. Cortada a meio por uma corrente de água que desaparece na maré vazia. A ilha encerra algo de misterioso e atractivo para os rapazes. Os morcegos, as gaiotas e outras aves marinhas fazem ali o seu repouso e os seus ninhos. Lá apanhámos também caranguejos e caranguejolas para petiscarmos ao jantar bem como alguns mexilhões e lapas.

Ir à Anicha, entrar nas suas minúsculas cavernas, pescar e voltar, leva uma manhã ou uma tarde cheias de gozo.

Quem passou o ano escolar ou teve bom comportamento nas oficinas gozou lá um mês de férias. Quem perdeu o ano ou brincou, foi privado em

parte proporcional ao seu desinteresse, deste excelente relaxe. Mas todos lá passaram uns diazinhos. Para saborearem o que perderam por preguiça e má consciência.

Esperamos que todos mereçam, por igual, umas boas férias, no próximo Verão.

OFICINAS — Durante o mês de Agosto as oficinas estão fechadas. Aproveitamos este tempo de paragem para dar aos escritórios e às grandes salas de trabalho uma pintura nas paredes e nos pilares, bem como afagar e envernizar os tacos de pinho que ficaram uma maravilha.

Uma boa parte do trabalho foi executado pelos gaiatos. Até aconteceu um caso curioso com os pintores de fora. Os homens eram um ronhas de primeira. Começar a horas não era com eles. De largar sempre antes, não se esqueciam.

As oficinas deviam estar funcionais a 4 de Setembro, segunda-feira. À tarde, após as quinze horas, os pintores iam para o café e, quase sempre, não voltavam. Chegou-se à sexta-feira 31 de Agosto e os nossos homens cumpriram o ritual sem se incomodarem nada com a nossa vida.

Ora, às 18 horas apareceu-nos o Sebastião, um gaiato aqui criado, que é pintor, e, com os rapazes, agarrou-se ao trabalho e pintaram até à meia-noite.

No sábado de manhã, ainda com mais energia, ao verificarmos que não precisávamos de pedir a esmola do trabalho daqueles senhores.

Uns, mudavam os andaimes; outros, arredavam os pesados caixotes preenchidos de tipos da antiga composição manual; outros, ainda, aspiravam o pó acumulado nos campos e nos esconderijos habituais de qualquer oficina. Foi trabalhar

sem desânimo até às duas da madrugada.

Quando, na segunda-feira, chegaram os donos do trabalho encontraram-no feito e a oficina arrumada. Os pincéis e os rolos lavados, os andaimes desmanchados e postos na sua passagem para que os vissem à entrada. Não tiveram outro remédio senão, mudos e de olhos no chão, procurarem outra obra, que esta estava feita.

BULLDOZER — Para tirar o esterco da estrumeira da vacaria que é sempre um quebra-cabeças, o Padre Acílio comprou em segunda mão uma retro-escavadora ainda em bom estado. Serve para isso e para muito mais coisas da nossa agricultura e obras. Pouca gente queria sujar a máquina e tínhamos muita dificuldade naquele inadiável serviço. Agora tiramos quando é preciso.

TRABALHO — São muitos os rapazes que estão a trabalhar fora. Tem tido mais dificuldade em estabelecer-se o «Lota». Tem pouca capacidade, mas também muita falta de humildade. Vamos a ver se a vida lhe ensina a convencer-se da realidade.

GADO — O ano passado quase só nasceram machos. Este ano têm sido vitelhinhas, umas atrás das outras. Iremos ter muitas vacas leiteiras e boas.

NOVOS — A rua tem-nos enviado muitos rapazes. São mesmo muito traquinas. Os chefes vêm-se aflitos com eles. Vale-nos a piscina e o campo de futebol.

Repórter Zero



Experiência de cada dia

O regresso do Padre Manuel António à nossa Casa do Gaiato de Benguela foi uma festa. Todos queriam ir ao Aeroporto recebê-lo. Todos estavam cheios de saudades. Aprendi que quando um pai cativa os filhos, eles tornam-se verdadeiros amigos do pai. Quando o Padre Manuel António chegou a Casa foi recebido com muita alegria pelos nossos rapazes, pequenos e médios, que cantavam com muita dinâmica e vida, em ambiente de festa. Festa que continuou com a Missa de acção de graças, presidida por ele que nos falou da sua experiência durante o tempo em que esteve em Portugal.

Os rapazes gostaram de saber que Padre Manuel António comprou algumas coisas para a Casa, principalmente as

botas de futebol e o rádio-cassete para a nossa recreação. No rosto de cada um dos rapazes podia ler-se uma expressão de gratidão.

A nossa alegria, porém, não durou muito tempo. Nessa mesma noite sofremos um assalto. Perdemos 80% das vacas leiteiras. Foi uma experiência muito dura para todos nós. As vacas faziam-nos muito jeito. Para além de nos darem o leite e a carne, davam-nos trabalho, uma ocupação para os rapazes que na vacaria aprendiam a valorizar o trabalho. Aprendiam a ser homens.

Nos meses de Agosto e Setembro a nossa Casa viveu a experiência das colheitas. Um grupo esteve envolvido na campanha da colheita da cebola (Agosto) e da batata

(Setembro). Foi uma experiência muito rica. Os rapazes dedicados e responsáveis, trabalhavam com vontade. Aprendi muito deles. Agora, não precisamos de comprar cebola e batata. Comeremos os frutos do suor do nosso próprio trabalho.

A nossa Casa do Gaiato de Benguela não está parada. Estamos todos a crescer. Em cada dia que passa, conseguimos ver alguns frutos da nossa caminhada. E todos estamos conscientes de que ainda é preciso caminhar.

Padre Custódio Langane

UM é velho, já de muitos anos. Não é exclusivo aqui do Norte do País de onde raro é o dia em que não surge telefonema a denunciar a burla... mas quase sempre «depois de casa roubada é que se trancam as portas». São peditórios, são rifas, são cobranças de assinaturas, é venda de bilhetes para uma Festa que nunca há... Os burlões são espertos: munem-se de um crachá, de um carimbo, de informações da nossa vida... que os tornam credíveis aos ingénuos. Mas como todo este equipamento o promove quem quer; e o recurso à Autoridade é em vão porque: onde está a Autoridade? — há sempre quem caia, o «negócio» rende e o caminho está livre!

Dois avisos

Pois mais uma vez — quantas já o fizemos? — se declara e informa, *urbi et orbi*, que tais processos nunca na Obra da Rua foram usados; e, se aparece alguém com expedientes desta espécie — não há que duvidar, é burlão. Chamar a Autoridade... nem sequer valerá a pena — que é dela?! Cada um que se segure e considere que a Caridade é espiritual, portanto inteligente. E quando o não é, descamba em *caridadezinha*, que é caldo de cultura para a multiplicação de muitas fraudes.

Aqui fica o aviso — mais

um, repito — e que os incautos se acautelem!

O segundo aviso não visa malícia alguma, antes o desconhecimento de muita gente de que se não pode mandar papel-moeda em cartas. Muitos dos nossos Amigos e Assinantes o fazem, por simplicidade e porque não tendo contas bancárias nem lhe sendo fácil ir aos Correios mandar um vale, metem uma nota no sobrescrito... e ela aí vai à aventura. Claro que há sempre o risco de um desvio — e vários registámos

na nossa experiência de muitos anos. Mas há também um pisar do risco da legalidade. Deste, aconteceu-nos estes dias experiência que, se bem me lembro, foi a primeira. Uma carta multada porque detectada pelos Serviços Postais, a nota que ela trazia.

Aqui fica, pois, o alerta. Valores que nos enviem, só em cheque, vale postal ou depósitos bancários. Ou então, a entrega nos «Depósitos» que os temos em Lisboa (Montepio Geral), Coimbra (Casa do Castelo) e no Porto (Casa Dina que, felizmente, substituiu sem descontinuidade o Espelho da Moda).

Contamos com a vossa atenção.

Padre Carlos

Cartas

Interrogação

«Por tudo o que me interrogo quando recebo o meu e nosso O GAIATO, o meu muito obrigado.

Assinante 32024»

Voz dos jovens

«É um prazer receber O GAIATO, aqui, onde estou (Reino Unido), apesar de, por vezes, ficar um pouco triste, principalmente, por causa de no primeiro número que recebi, ficar a saber que as Casas do Gaiato precisam de 'Mães'.

No número seguinte, soube que os rapazes não se interessam por estudar. Como fui e sou estudante, posso tentar compreendê-los. Por vezes, perde-se o

interesse porque os professores não motivam o suficiente ou o que se aprende não parece ser muito útil. No entanto, é importante aprender; e se por vezes a matéria não tem muito interesse, ela ajuda a desenvolver a maneira de pensar. Tenho um irmão mais novo que também diz que não gosta de estudar e queixa-se dos mesmos problemas. Eu tento fazê-lo ver que é importante, no mundo de hoje, principalmente agora que estamos na Europa (União Europeia, melhor dizendo). Também sinto que não é exactamente que ele não goste, mas é o medo que ele tem de não conseguir.

Nada neste mundo é fácil. Tudo requer esforço e sacrifícios, mas com vontade e perseverança, e com a ajuda de Deus tudo é possível.

Por fim, gostaria de dizer que gosto bastante de ler os artigos sobre os rapazes ou de como as coisas vão nas Casas do Gaiato: o que fizeram, o que estão a fazer e o que irão fazer. É pena que não

escrevam mais rapazes a dizer o que pensam, o que sentem, falar do que acham que está certo ou errado, afinal é também para isso que o Jornal serve.

Assinante 71505»

Confiança em Deus

«Soube, com muita alegria, que um filho do Júlio Mendes foi ordenado Padre. Deus o abençoe.

Espero ir aí qualquer dia. Arranjei mais cinco assinaturas. Já são quinze que paguei gostosamente do meu bolso. Com custo, mas paguei com muito prazer. Ganho uma reforma mensal de quarenta contos. Vivo com dificuldade, mas Ele tem-me ajudado muito. É difícil viver com quarenta contos. Pago um aluguer de três. Continuo a confiar em Deus.

Fiz os meus 50 anos de casamento. Sou muito feliz com minha mulher, filhos e netos.

Assinante 30312»

PAÇO DE SOUSA

AZURARA — Estamos em Azurara... Há alegria no ar e nos corações. Os mais pequenos jogam no pequeno espaço que têm, outros vêem televisão e os mais velhos foram dar um passeio...

Sozinha, estou a reflectir sobre o nosso viver, simples e complexo, mas familiar. Assim, vou meditando nesta arte de vivermos fraternalmente, como Pai Américo nos ensinou.

Relembro a frase de Luther King: «Aprendemos a voar como os pássaros, a nadar como os peixes; mas não aprendemos a arte de viver como irmãos». Que linda seria a vida se todos os habitantes do mundo conseguissem atingir a pedagogia de Pai Américo.

Pelas 8,30 horas, um dos chefes liga a música e começa o dia. Lavados e camaratas arrumadas, descemos para o refeitório. Depois duma oração da manhã, que nem sempre foi o que devia, saboreamos o pequeno-almoço, findo o qual acabam-se as limpezas.

De seguida, tudo para a praia e o silêncio reina. O tempo vai

passando e aos poucos os rapazes chegam.

Alguns vêm ter comigo, conversamos sobre o que se passou nas ondas do mar e na areia... Ora me rio, ora os contradigo explicando o que há de positivo e negativo em tudo o que ouço... Estes diálogos, penso, são cada vez mais necessários em todas as famílias. Sinto-me bem e feliz neste lugar de «mãe» gaiata e peço a Pai Américo que me vá fortalecendo para que a saúde vá aguentando esta labuta dura, mas tão rica que alimenta todo o meu viver neste mundo.

Termino esta reflexão agradecendo tudo e a todos que

me têm ajudado nesta caminhada.

Tia Geca

MILHO — Está grande e em breve começará a silagem. Ele será parte do sustento do nosso gado, durante o Inverno.

FÉRIAS — Acabaram. E as aulas já começaram.

Esperamos que todos as tenham gozado bem e que tenham recuperado energias para enfrentar mais um ano escolar — a parte mais importante das nossas vidas.

Vitor («Botija»)

DOCTRINA



«Deus faça bem a quem faz bem!»

GASTEI os dias da semana na Capital, a pisar tapeçarias dos ministérios, em côlicas! Uns ministros dão a mão, outros deixam-me cair no chão, consoante seus critérios que a gente aceita e respeita. O que não vier duns, virá doutros. Acredito na Obra da Rua. Sei a quem sirvo.

O pequenino das ruas do Porto já chama Mãe à Casa do Gaiato e vai ter com ela sozinho pelo seu próprio pé. Assim aconteceu com o José Saraiva que se apresentou às nove de uma noite. — *Está ali um rapaz, vieram dizer. Desci ao fundo da escada de Santa Escolástica, a monumental entrada do antigo cenóbio. Na sombra da noite um pequenino perguntou se é ali a Casa do Gaiato e se pode entrar. Subimos à cozinha onde lhe servem uma tigela de leite quente. Quis saber a história. A criança relata. É da Rua dos Pelames — Porto. Tomei-o pelo braço. Fui deitá-lo em cama de lavado, sob o sinal da Cruz: — Sim, filho, ficarás, mas antes havemos de ir ao Porto. No dia seguinte encontro-lhe nos olhos as mesmas lágrimas de ontem mai-lo desejo de ficar. — Oh, eu não quero sair daqui!, insiste; e a comunidade inteira chora com ele! Que vida mortificada e que família desditosa não tem esta criança inocente! Fui mais ele à cidade, ver com os meus olhos e sentir com o meu coração. Vi! Amaldiçoei o mundo...*

AINDA magoado de tudo quanto observara, topo uma criança estendida, junto da soleira dos Congregados. É pleno dia. O formigueiro humano passa. Alguns entram e saem a porta do templo. Como podem conhecer o Deus invisível das igrejas se não vêem Jesus pequenino prostrado com fome, à entrada da porta?! Levanto a criança. Cambaleava. Fomos num instante ao Vidal & Constantino. — *Aqui não se dá de comer a essa gente!* Está certo. Compreendi tudo. As coisas não mudaram nada, dos tempos em que José e Maria tiveram igual sorte. Ali perto há uma tasca. O nosso pequeno come e come e come. — Basta, meu filho, que te faz mal! Fora comenta-se; e da boca de uma mulher pobre ouço a canonização divina: — *Deus faça bem a quem faz bem!*

DALI segui para o rápido, embrulhado na minha capa negra. O comboio vai à cunha, com gente nos corredores. Começa a primeira série das refeições anunciadas por criados de libré; come-se em quatro chamadas, até às portas de Lisboa. Eu rilhei duas maçãs e um *papo-seco* que uma mulherzinha do Porto me dera, com pedido de rezar por ela. Sim — respondi-lhe baixinho, a rezar: «*Deus faça bem a quem faz bem!*» Não sei o que se comeu naquela viagem, no restaurante do comboio; não sei. O que eu sei, é que ninguém saboreou como eu a refeição pobre, dada pela pobrezinha!

D. Américo S.!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

CALVÁRIO

Fragilidade

VIVIA razoavelmente bem. Tinha família estável e amigos que a respeitavam e até admiravam.

Com a morte do marido começou o desmoronamento do seu lar. Para sobreviver arranhou um emprego modesto. Entretanto, o filho entregou-se à droga, consumindo e traficando. Esta situação arrasou os nervos à pobre senhora. E, inesperadamente, sofreu um enfarte cerebral, perdendo o andar, a fala, a consciência.

Foi internada no hospital local. Observada, diagnosticada, e medicada teve de sair. Mas, para onde?

Em casa não havia a mais pequena ajuda. Pelo contrário, o filho ia sumindo

a pequena reforma da mãe. Familiares, afastados dela há tempos, apareceram para tentarem resolver a situação aflitiva. E dirigiram-se à Misericórdia da terra. Depois de um sim, veio a hesitação e logo a seguir a negativa da Mesa.

Procuraram outra Santa Casa dos arredores. Mas aí não havia lugar para acamados.

Tentaram ainda uma terceira Misericórdia. Nela também não podiam receber a doente, embora tendo vagas. A negação resultava da impossibilidade de apresentação de jóia e de meios para a prestação mensal exigida.

A nossa Casa foi-lhes sugerida como tábuas de salvação. E dissemos que sim,

que tínhamos lugar para a doente.

Afinal continua válida e actual a razão de ser desta Casa, já que foi sonhada para quem não tem razão de ser aos olhos do mundo materialista, egoísta.

Naquele tempo, também não havia lugar nas hospedarias de Belém para José e Maria, e Jesus teve de nascer num abrigo de pastores.

As Instituições, que foram idealizadas e fundadas para acolherem sobretudo os mais pobres, transformaram-se em casas de comércio onde só entram os que podem corresponder às exigências financeiras estipuladas.

É lamentável que não haja vagas para os pobres e as haja sempre para os ricos.

— *Na minha terra os ricos inscreveram-se todos no novo Lar para terem lugar garantido, quando precisarem* — desabafava um amigo que nos visitou. E as camas lá permanecem vazias à espera que aqueles

adoçam ou invalidem. E por isso não podem ser ocupadas pelos pobres.

Para quê falar dos Direitos Universais do Homem se alguns apenas se podem obter por dinheiro?

Os homens, hoje, andam pouco habituados a reflectir.

Ora, a vida destes doentes, com os dramas que suportam, ajudam-nos a reflectir sadicamente e a pensar mais sensatamente.

A vida destes doentes fala sempre de fragilidade e de contingência do viver humano; mas também do

pouco valor que lhe vai sendo atribuído.

O desenlace destas vidas põe a nu a mentira da nossa sociedade.

A Igreja tarda em sacudir as Mesas e os Tabuleiros em que se joga o nosso viver.

Padre Baptista

BENGUELA

Estamos na trincheira da paz

ESTOU a escrever-vos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. O sol da África tropical entra pela janela do escritório. As crianças da pré-escola chegam até mim pelo eco dos seus cantos, enquanto se preparam para o início da aula. O meu pensamento voa à procura da multidão que está a morrer à míngua de tudo. Quem me dera ter salas, professores, material escolar, leite, pão, tudo o que os teus filhos têm e, por vezes, estragam. Quem me dera ir por Angola fora, dentro ou fora da Casa do Gaiato e trazer todas as crianças para a Escola. Elas têm tantos direitos como todos os filhos que há no mundo. Como os teus filhos. Sei, entretanto, que a maioria das crianças não tem nada. Não estou a atirar pedras a ninguém. Não quero. Não julgo ninguém. Deus sabe e isso me basta. Deixai-me, contudo, exprimir o meu sentimento de revolta contra o que se está a passar. As crianças talvez não sofram o que poderiam sofrer se soubessem que os seus direitos estão a ser espezinhados. Nem sabem que têm direitos! Pobres crianças, jogadas no mundo dos adultos como pedras num xadrez de criminosos! Também se fazem guerras por amor das crianças! Loucura!

Acabo de chegar da terra onde nasci, na qual as crianças escasseiam. Também os seus direitos são violados aí, porque não as deixam nascer ou matam-nas quando estão no caminho da vida. Entro, de novo, em Angola, que me viu crescer como Padre até à idade madura e vejo grande parte das crianças a morrer por causa da guerra, da fome, da doença, da ignorância, da miséria a que foram lançadas. Quem pode calar-se perante tamanho genocídio? Não atiro

pedras a ninguém. Onde estão os culpados? Onde estão os inocentes? Só as mães que fogem de um lado para o outro com os filhos às costas, sem comida, sem roupa, sem medicamentos, sem lavras, sem nada; só os filhos que vêem os pais morrerem e ficam traumatizados para toda a vida, a maioria das crianças são portadoras de trauma; só os velhinhos que, depois de uma vida atribulada, nem sequer podem ter uma morte digna. Onde estão os inocentes desta situação de desgraça que tomou conta de Angola? Que resposta digna posso dar? Comprometer-me até dar a vida pelas crianças de Angola.

Ao sentir desta maneira, não penso tão somente nos senhores da guerra. Há outras formas de matar sem as armas. A riqueza desmedida na posse dum elite social sem escrúpulos, que só pensa em amontoar e não repartir, é um aliado poderoso da guerra com armas. Quando penso na situação económica em que a gente vive, pergunto como é possível? Não é somente a guerra a causadora de situação tão catastrófica, creio. Há muito dinheiro em Angola. Irá todo, todo para a guerra?

Comecei a escrever estas notas num tom alegre. É uma vertente da nossa vida. Queremos olhar para a situação com realismo e dar a razão da nossa esperança. Acreditamos firmemente na paz que há-de chegar. Estamos na trincheira da paz. Tudo faremos por ela, dando às crianças e à gente que nos busca a mão que ajuda a libertar. Queremos ser profetas da Esperança, com a nossa vida. Jesus é a Paz; está no barco e não dorme. Temos fé.

Padre Manuel António

Património dos Pobres

Continuação da página 1

particulares, na totalidade do custo do terreno, e fizeram a compra.

Entretanto a saúde do pai de família complicou-se. Foi obrigado a entrar de *baixa*. E cedo verificou que o regresso ao activo está fora dos seus horizontes. Dia sim, dia não, necessita de se deslocar a uma unidade hospitalar.

Com os poucos rendimentos que chegam da *baixa* do marido e dos filhos que trabalham, a que têm de descontar as despesas de farmácia e consultas dos outros dois filhos e marido, fica sem qualquer possibilidade de amortizar e pagar juros do empréstimo contraído.

Vender o terreno? Seria a solução; mas também aqui o caso é complicado. Às garantias de facilidades de construção verificou-se que a mesma terá de ser com alguns limites. Assim, ninguém lhe pega.

A solução é seguir em frente.

O caso é urgente como refere a Conferência. As necessidades são grandes e os meios não existem. Como poderemos ajudar esta família?

A inquietação é grande. As noites, também. Vamos dar esperança e acender uma luz para esta família!

Padre Júlio

PENSAMENTO

A Luz verdadeira vem de Deus. As obras do mundo são trevas.

PAI AMÉRICO

Reflectindo

Continuação da página 1

Porque terá dito o Senhor: «Quem tiver ouvidos de ouvir, ouça»? — *senão porque em cada homem há um surdo-tartamudo carecido da Sua Graça, não para ouvir sons e os pronunciar, mas para entender a mensagem divina que pelos seus ouvidos entra e a comunicar na pureza da luz com que a mesma Graça o ilumina!*

O Evangelho não é fácil nem há marketing nenhum que o torne fácil. Para Lhe aderir, com compreensão e vivência, há que vencer toda a distância que vai do homem exterior, de sentidos sobreocupados e lisonjeados, até ao homem interior que se esforça por harmonizar a riqueza da sua sensibilidade com a singularidade da sua inteligência e vontade que o tornam a única criatura semelhante ao Criador. É dentro do homem que esta viagem imensa se há-de realizar para que o Evangelho do Reino o inspire e o faça transpirá-lo, qual discípulo que colhe o sentido para a sua vida da missão prioritária do Mestre: Pregar o Evangelho do Reino de Deus. O resto vem por acréscimo.

Padre Carlos

UMA família partilhou connosco as suas férias. Mãe, três filhas e pai.

Pus o pai em último lugar porque foi ele quem pôde estar menos connosco por via dos seus compromissos laborais. Mesmo assim substituiu-me quatro vezes na celebração dominical, em Casa e na praia. À hora do Terço, com os rapazes, preparou, sempre, uma palavra para lhes dirigir. Aos recreios e no mar brincou com todos.

A mãe disponibilizou-se para tudo e, em Julho, assumiu o cargo de dona de casa, na cozinha, nos curativos e na contínua tarefa de educadora maternal com os pequenos e grandes.

É mulher que conhece a nossa vida até à intimidade e, por isso, movimentava-se instintivamente, em busca do bem, no mar imenso da nossa Casa.

As duas filhas mais novas, em adolescência madura, foram ótimos espelhos vivos e reais do que é uma rapariga da idade deles. Uma presença equilibrante, destruidora de muitas imagens vãs que o mundo e a Comunicação Social teimosa e persistentemente insistem em povoar a sua imaginação.

SETÚBAL

Partilha

Os mais pequenos fizeram as suas delícias e gozaram do seu carinho e ternura.

Ajudaram todos nas obrigações: cozinha, refeitório, limpezas, etc. — *obrigações* (como se chamam, entre nós, estas tarefas) inadiáveis e diárias, mesmo em férias.

A mais velha já é universitária. Após os exames juntou-se às irmãs e, mais amadurecidamente, comungou também da mesma actividade.

Tudo em silêncio. Sem alardes na Comunicação Social ou mesmo nos grupos de oração. Como manda o Evangelho.

Foi tema da minha pregação nos peditórios do Algarve o anúncio de Jesus: *Eu sou o Pão da Vida*. O alimento da vida interior de cada cristão. O motor dos sentimentos, dos afectos, dos desejos, do ideal de cada homem. A única Força capaz de vencer todas as dificuldades e a compensação de todos os empreendi-

mentos ainda os mais dolorosos. Não há alternativas. Não existe para o homem outro Pão. Este é o único. Tudo o resto é lixo.

Tantos cristãos a viverem daquilo que o mundo oferece. Culto da própria imagem: o homem é o deus de si mesmo. Gozo da vida: passeios, divertimentos de que se tornam ávidos insaciáveis, riquezas, glória mundana, sexo que é a bebedeira do fim do século e tanta outra imundície que movimentam o coração do homem!...

Se ao menos os que comungam o Pão da Vida fizessem de Jesus e da Sua santíssima vontade a alavanca das suas empresas e intuitos, como não faltaria disponibilidade para servir!... Os pobres, os doentes e marginais seriam poucos no mundo todo!...

Mas não. Come-se o Pão da Vida como no deserto os nossos pais o maná. «Comeram e... morreram».

A radicalidade que Jesus pregou e O conduziu ao Calvário quase desapareceu. Vê-se tão pouco!

Aponto a luz deste casal que é nosso catequista há muitos anos e ainda arranja tempo para a paróquia e a Diocese!

O Pão da Vida é o seu alimento!...

Padre Acílio